

# GRATIDÃO

Boa Vista, setembro de 2025

Caro amigo, cara amiga

finalizando minha experiência missionária na Diocese de Roraima, após cinco anos e médio, quero deixar um agradecimento e uma reflexão.

Agradecer aos povos indígenas que me cativaram pela visão de vida, pela conexão com o entorno, a mãe terra. Gratidão pela confiança que me brindaram, pela paciência para comigo, pela acolhida sempre fraterna. Gratidão pelas amizades autênticas com algumas lideranças, pelo compromisso com seu povo e pelo testemunho de resistência.

Um grande agradecimento às companheiras e aos companheiros da Pastoral Indigenista. Quanto aprendi de cada uma, cada um! O serviço, a entrega missionária, os questionamentos metodológicos e as “conversões” pessoais e de grupo que vivenciamos vão enriquecer enormemente minha bagagem de vida.

Gratidão pela presença profética e esperançadora da vida religiosa consagrada na Diocese. Nos mais diferentes serviços e pastorais, irmãs, irmãos e sacerdotes estão presentes como formiguinhas construindo, fortalecendo uma vida digna para todos e todas e acompanhando processos e pessoas na caminhada da vida espiritual.

Agradecer também aos muitos leigos e leigas comprometidos com a causa do Evangelho. A Diocese tem uma excelente riqueza de movimentos, organizações, grupos e pastorais que defendem a vida ameaçada, que denunciam as injustiças, que promovem a vida com plenitude, que lutam para um futuro melhor da humanidade e da casa comum, na perspectiva do Reino.

Quantas aprendizagens! O valor da escuta foi tomando cada dia mais importância na minha vida. Participando de assembleias e reuniões com os povos indígenas, a capacidade de observar e prestar ouvido às palavras das lideranças por horas, me ensinou a ser paciente, mais tolerante e atento às opiniões dos outros. A disposição para escutar, assimilar, processar e refletir me ajudou para crescer como pessoa e ser mais profundo e assertivo nos momentos de fala.

Aprendi a observar com todos os sentidos. “Estar com” os povos indígenas implica tentar se aproximar muito do seu mundo, sua cotidianidade, seus pensamentos. Não é suficiente olhar, perceber através da visão; precisamos sentir o entorno, a realidade na pele, no cheiro que está no ar, experimentar o calor, a poeira, a chuva, a lama, os igarapés, os alimentos, ...

Compreendi ainda mais a relevância do silêncio. Na nossa vida constantemente acelerada, cheia de informações, barulhos e distrações não devemos esquecer um tempo de silêncio. Os dias e as noites que passei visitando pequenas comunidades indígenas foram verdadeiras experiências de meditação, sem energia, sem internet, sem alvoroços, ... Acredito que no silêncio conseguimos ouvir melhor o que Deus nos quer dizer.

Me sinto fortalecido pelo carinho, afeto de tantas pessoas conhecidas e importantes para mim na caminhada nesta terra de Makunaima. As relações fraternas enriquecem, fortificam e animam para enfrentar os vários desafios da vida. Partilhar anseios, sonhos, dificuldades e acertos expande a bagagem de experiência como ser humano e facilitam novos encontros, novas vivências.

Percebo que cresci como cristão. Acredito na radicalidade e exigência do Evangelho (cfr. Lc 12,47-53), que não nos permite ser indiferentes ou omissos ante as ofensas, os ataques contra a vida (cfr. Mt 5,6.10-12). Creio na igreja do grande profeta e mártir São Oscar Romero: *“A Igreja se colocou do lado dos pobres e tomou a defesa deles. A Igreja não pode agir de outra forma, já que se lembra de que Jesus tinha compaixão pelas multidões. No entanto, ao defender os pobres, ela entrou em grave conflito com os poderosos que pertencem às abastadas oligarquias e com as autoridades políticas e militares do Estado”<sup>1</sup>*.

Como missionário abracei a causa dos povos indígenas na Amazônia. Ser missionário nesta região, na perspectiva da ecologia integral, significa estar num processo contínuo de conversão pessoal e comunitária. O cuidado com a Mãe Terra, com a Casa comum não é algo fora de nós, implica considerar nossos corpos, nossas relações humanas e com todos os seres vivos. Por esta razão qualquer violência contra a natureza é um ataque contra a humanidade e deve ser denunciada.

*“ (Jesus Cristo) Armou sua tenda no meio do povo de tal modo que apareceu um rosto eclesial bem amazônico na diversidade sociocultural, na defesa do lar que Deus criou para toda a humanidade e na promoção da Vida em todas as suas dimensões, sobretudo quando é ameaçada pelos impactos causados por um equivocado conceito de progresso que confunde desenvolvimento com crescimento meramente econômico, multiplicação de riqueza material, incremento do PIB, expansão do agronegócio, aumento de produção de biocombustíveis, [...] deixando de promover a justiça e o bem-estar de todos e para todos.”<sup>2</sup>*

Por último, quero pedir perdão pelas minhas falhas e omissões. Espero não ter causado graves danos ou ter desviado demais das linhas pastorais comuns. Perdão; si o fiz, foi sem querer ou por tentar ser fiel à minha consciência como ser humano, cristão, consagrado e missionário. No final, estou convencido que fiz tudo por amor...à essa terra, aos povos indígenas, à igreja.

Uma vez mais, minha imensa gratidão

Irmão Simão, missionário comboniano

---

<sup>1</sup> Romero, “The Political Dimension of the Faith from the Perspective of the Option for the Poor”, em Voice of the Voiceless, p. 181. Lovaina – Bélgica, 2 de fevereiro de 1980.

<sup>2</sup> Carta do I Encontro da Igreja Católica da Amazônia Legal, 2013